

FAMÍLIA OPERÁRIA, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE EM UMA NARRATIVA DE RONIWALTER JATOBÁ

Ettore Dias MEDINA*

RESUMO: Este artigo investiga a narrativa “O pano vermelho”, publicada no ano de 1978 por Roniwalter Jatobá. A ênfase da investigação está no processo de rememoração do narrador, que revê 25 anos de sua vida, período de tempo que se inicia em 1952 e termina em 1976. Através do processo de rememoração, que é apresentado na forma de notas referentes a cada um dos anos, o leitor toma contato com a experiência do narrador, um migrante que tornou-se operário na cidade de São Paulo. As relações sociais da família do narrador, que é o grande grupo de referência no processo de rememoração, e também os valores, anseios e subjetividade de alguns de seus membros foram analisadas. Defendo que essa narrativa pode ser entendida como literatura de testemunho. Utilizei conceitos das ciências sociais, psicologia, história e teoria literária para interpretar a diversidade de temas que a narrativa levanta.

PALAVRAS-CHAVE: Roniwalter Jatobá. Família operária. Memória. Subjetividade. Testemunho.

Luta escrevendo! Ensina que luta! Deixa que a vida fale! Não a violento! Essas são algumas expressões com as quais o dramaturgo Bertold Brecht se dirige ao escritor proletário em suas “Teses para a literatura proletária”, escritas entre 1937 e 1941. Embora seja impossível que Bertolt Brecht tenha lido ou conhecido Roniwalter Jatobá, em alguns momentos de suas teses o dramaturgo parece se dirigir a ele. Brecht pensa que os burgueses não deixam a vida falar. No entanto, o escritor proletário pode fazê-lo (BRECHT, 1984). De certa forma, é isso que faz Roniwalter Jatobá, deixar a vida falar. Mais que isso, sua literatura dá visibilidade para o modo de vida e para a subjetividade dos operários. A investigação

* Doutorando em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 ettoremedina@yahoo.com.br

que apresento se volta para a narrativa “O pano vermelho”, que faz parte do livro “Crônicas da vida operária”, publicado em 1978. Como em outras investigações que realizei sobre o escritor, interpreto a narrativa em questão como um exemplo de literatura de testemunho¹.

A narrativa “O Pano vermelho” é organizada em torno do esforço de um migrante nascido no estado da Bahia, e que se tornou operário na cidade de São Paulo, em rememorar sua vida e experiência. O processo de rememoração é apresentado na forma de notas sobre fatos ocorridos durante os anos de 1952 a 1976. Minha interpretação toma como momento chave a penúltima nota: “1975 – Fiz acordo na fábrica. Saí de lá. Abri esse bar que aqui se vê. Pequeno, freguesia pouca por enquanto, mas vai melhorar. Sei.” (JATOBÁ, 1980, p.34, grifo do autor). Trata-se de uma nota que mostra o narrador no tempo presente. O bar é o espaço onde ele se encontra enquanto lembra.

O ato de abrir um bar indica uma mudança significativa no modo de vida do narrador, que deixou de ser operário para ser dono de algo seu. Tenho por hipótese que essa mudança social não só motivou, mas também criou condições propícias para a rememoração. A mobilidade social, ou, nas palavras de Peter Berger, o movimento de um nível da sociedade para outro (BERGER, 1978) tem grande impacto na reinterpretação da própria vida. Além disso, a situação presente é um dos fatores que levam uma pessoa a rememorar, influenciando o desenrolar do processo de investigação do passado (HALBWACHS, 2006). Às condições propiciadas por sua nova posição social pode ser aproximada uma motivação pessoal. Diz o narrador na nota de 1976: “Fico nesse bar de noite a dia, de dia a noite, como se procurasse um arremediamento do ficar só.” (JATOBÁ, 1980, p.34). Rever os acontecimentos passados é uma forma de lidar com a própria solidão.

¹ O livro “Crônicas da vida operária” foi finalista do prêmio da editora cubana Casa das Américas na categoria Testemunho no ano de 1978. A premiação demonstra que Roniwalter Jatobá percebia afinidades entre a literatura de testemunho e sua própria produção literária, e demonstra também que o livro foi reconhecido como literatura de testemunho. O escritor que produz esse tipo de literatura transita entre o literário e o não literário (TOBÓN, 2010), ele tem um compromisso com os acontecimentos narrados. As produções literárias que têm afinidades com o universo do testemunho criam novas feições para as relações entre literatura e política e entre literatura e história, funcionando como um suporte onde a voz, a visão de mundo e a subjetividade de sujeitos que ocupam uma posição subalterna na sociedade podem ter visibilidade. Além disso, a literatura de testemunho visa dar uma forma narrativa para acontecimentos violentos. Tenho defendido em minhas investigações que Roniwalter Jatobá mobilizou sua produção literária para narrar experiências pessoais, experiências presenciadas e também experiências a ele contadas. Como migrante, morador do bairro de São Miguel Paulista e operário desqualificado da indústria Karmann-Ghia no ABC Paulista durante os anos 1970, ele tinha um grande conhecimento das situações vivenciadas por migrantes que se tornaram operários na cidade de São Paulo.

Como a memória é constituída de lembrança e esquecimento, tem significado não só o que é lembrado, mas também aquilo que é esquecido, ou que, no caso dessa narrativa, é apenas mencionado. Nas palavras de Peter Berger: “À medida que nos lembramos do passado, o reconstruímos de acordo com nossas ideias atuais sobre o que é e o que não é importante.” (BERGER, 1978, p.68). Já Maurice Halbwachs (2006) afirma que a formação da memória depende do relacionamento do indivíduo com seus grupos de convívio e grupos de referência. Exemplos são a classe social, o emprego, a família, entre outros possíveis. As ideias do sociólogo francês corroboram a importância do ato de abrir o bar como ação impulsionadora da rememoração, e contribuem para a compreensão de um aspecto importante da narrativa: a relação do narrador com a vida na fábrica. Ele conta que após chegar ao bairro de São Miguel Paulista, situado na zona leste da cidade de São Paulo, em 1953, foi trabalhar na grande fábrica de química². No entanto, em nenhum momento a vida na fábrica motiva lembranças³. As imagens do narrador como operário fabril não são mostradas ao leitor, foram suprimidas. Tal supressão leva a pensar que, para o narrador, nada há a dizer sobre a vida na fábrica, ou não se quer dizer nada.

A fábrica é um espaço onde prevalece a situação nomeada por Walter Benjamin como experiência de choque ou vivência. Na vida moderna, a experiência⁴ deixa de se submeter a uma ordem contínua e passa a se estruturar a

² A presença da fábrica Nitro Química em outras narrativas de Roniwalter Jatobá permite pensar que o narrador a ela se refere quando menciona a grande fábrica de química. A Nitro Química foi instalada no bairro de São Miguel Paulista nos 1930. Os empresários José Ermirio de Moraes e Celso Lafer, com ajuda generosa do governo Vargas, importaram mais de 18 mil toneladas de equipamentos e maquinarias dos Estados Unidos da América para São Miguel Paulista (FONTES, 2004). A fábrica era famosa pelo mau cheiro que causava no bairro de São Miguel Paulista e imediações, além do grande número de acidentes de trabalho e mortes decorrentes das condições de trabalho insalubres e perigosas. Investiguei esses temas no artigo “A presença da fábrica Nitro Química na literatura de Roniwalter Jatobá: memória, história e testemunho” (MEDINA, 2013).

³ Há duas passagens na narrativa que podem ser lidas como metáforas para a percepção do narrador sobre a vida na fábrica. A primeira faz parte da lembrança do ano de 1973: “Me ofertaram uma medalha pelos vinte anos de trabalho. Reinaldo brincou: “o que vale isso, pai?” Respondi: “num brinca com as coisas do governo!” Guardei a medalha num malote, outra dia, vi: enferrujara.” (JATOBÁ, 1980, p.34). No ano de 1974: “A profissional se esfiapava no passar do tempo, suada, seca, no bolso traseiro da calça.” (JATOBÁ, 1980, p.34) A medalha e a carteira profissional, dois símbolos que representam a continuidade da vida no trabalho, se desgastam e se desvalorizam com o passar do tempo.

⁴ Walter Benjamin (1994) entende que na modernidade a experiência passada de uma pessoa à outra – que foi a fonte a que recorreram os contadores de histórias, os narradores – está em declínio. A capacidade de intercambiar experiências comunicáveis é historicamente condicionada, e vem sofrendo um grande impacto com o desenvolvimento das forças produtivas. Benjamin menciona um dos efeitos que a Primeira Guerra Mundial teve nos combatentes: eles retornaram mudos do campo de batalhas, pobres em experiência comunicável. A pobreza de experiência também caracteriza o morador da grande cidade e o operário da fábrica. A fragmentação presente na estrutura de

partir das inúmeras interrupções que constituem o cotidiano (BENJAMIN, 1989; SELIGMANN-SILVA, 2006). Tais interrupções ocorrem por conta dos choques que afetam os sujeitos na grande cidade. A noção de vivência ou experiência de choque contribui para entendermos a inexistência de lembranças da vida na fábrica por parte do narrador. A dificuldade em rememorar, que é uma das consequências da noção benjaminiana em questão, é marcante na relação do narrador com seu passado. No entanto, o escritor vai além. A categoria vivência também influencia a estrutura da narrativa, cuja matéria é fragmentariamente organizada por meio de notas.

A sociedade industrial multiplica as horas mortas que apenas suportamos (BOSI, 2004), como é o caso das filas, burocracia, preenchimentos de formulários, dentre outras situações. São tempos vazios, não apresentam significação biográfica. “Desse tempo vazio a atenção foge como ave assustada.” (BOSI, 2004, p.24). O filósofo Walter Benjamin parte das ideias de Karl Marx e Sigmund Freud para demonstrar como as etapas do trabalho na fábrica acontecem de forma autônoma ao controle do trabalhador (BENJAMIN, 1989), o obrigando a seguir um ritmo que violenta seu corpo, seu sistema perceptivo e sua subjetividade. O rigor da norma e o ritmo acelerado do trabalho na fábrica podem acionar graves efeitos como o ofuscamento perceptivo e o embotamento da cognição e da simples observação do mundo (BOSI, 2004), fatores que interferem no conhecimento de si mesmo e do outro. São efeitos da alienação que levam ao esgarçamento da “substância memorativa” (BOSI, 2004, p.24) e trazem grandes prejuízos para a formação da identidade. A pessoa pode ter dificuldades em se reconhecer como um trabalhador que experimenta condições impostas e que são partilhadas por outros trabalhadores.

A presença da fábrica de química em outras narrativas de Roniwalter Jatobá nos ajuda a entender supressão das imagens da vida na fábrica na rememoração do narrador em “O pano vermelho”. Em minha investigação sobre aquelas obras percebi que o sofrimento dos trabalhadores e também os danos decorrentes do trabalho perigoso e insalubre em seus corpos e subjetividades foram de grande gravidade (MEDINA, 2013). A exposição aos gases tóxicos resultantes do processo produtivo era um tormento inevitável, fazendo do trabalho na fábrica de química uma atividade dolorosa, com a qual não era possível haver identificação. Os trabalhadores não queriam estar ali.

“O pano vermelho” denuncia a dificuldade do narrador em transformar os acontecimentos passados em experiência comunicável.

Na narrativa “O pano vermelho” as lembranças estão centradas na convivência com a família, que é o principal grupo de referência para a organização da rememoração do narrador. A disposição das situações e acontecimentos lembrados obedece uma ordem cronológica. No entanto, a evocação das situações e acontecimentos que constituem as lembranças acontece graças a um trabalho ao mesmo tempo subjetivo e afetivo. Assim forma literária, memória e motivação pessoal se entrelaçam.

A mudança geográfica é um fenômeno tão importante quanto a mudança social no que diz respeito à reinterpretação da vida pessoal (BERGER, 1978), uma vez que à mobilidade espacial está associada uma mobilidade afetiva (BOSI, 2004). Essas relações entre mudança geográfica e vida interior dão sustentação para a investigação de outro tema fundamental na narrativa, a migração. Ela é mencionada já na primeira nota, ano de 1952:

1952 – Na minha pele refletia a mocidade, quem via dizia: tão novo, burgo ainda. Tinha: um sonho de pai tão antigo como ele, que passou por toda aquela vida de sustento, vendo os filhos que nasciam no todo sempre em todo ano. E: mãe enrodilhada na cama no resguardo de filho novo, na mesma pequenez quanto as palavras dela, relutando, pra que ir tão longe? Eu: ali, sempre vendo aquela velhice que vinha no correr dos anos trazida quem sabe por quem, que ia entrando nas pessoas. Como ser tão parado no viver? Esperando pai morrer, mãe morrer, aqui, tudo miúdo, até a vida. (JATOBÁ, 1980, p.31-32, grifo do autor).

Na recordação do ano de 1952, inicialmente o narrador fala de si e de sua aparência na época, quando ainda era jovem. Em seguida, o grande tema dessa lembrança, o desejo de migrar, é mencionado. Migrar era um sonho de seu pai, tão antigo quanto ele, e com o qual o narrador se identifica, o incorporando como projeto. Dizer que o desejo de seu pai é tão antigo quanto o próprio pai é aproximar o sujeito de seu desejo. Lembrar-se do pai é lembrar sua vontade de viajar. Homem e desejo estão unidos na lembrança, de forma que um não existe sem o outro. Esse arranjo subjetivo organiza a lembrança do narrador e reforça a importância da viagem enquanto tema fundamental na constituição e compreensão de sua identidade. A ideia de uma possível viagem tem influência importante no relacionamento da família, sendo um motivo de desavença, como aparece na fala da mãe. A discordância da mãe em relação ao desejo de migrar partilhado por pai e filho indica uma fratura no modo de vida familiar.

A nota do ano de 1953 pode ser relacionada com a nota do ano anterior. Nela é contada a partida e a viagem do narrador e de outros migrantes em um caminhão coberto com uma lona. Há também a confirmação do desejo do pai em se mudar, sonho realizado pelo filho: “São Paulo: como nos velhos sonhos de pai.” (JATOBÁ, 1980, p.32). Os dois primeiros lugares de São Paulo mencionados pelo narrador são o bairro de São Miguel Paulista e a grande fábrica de química. Na folga próxima ao fim de seu primeiro ano como trabalhador o narrador volta até a Bahia e traz Adelina, que, em suas palavras, preenche “o vazio de uma mulher” (JATOBÁ, 1980, p.32).

Essas notas iniciais, às quais se soma a nota sobre o ano de 1954, apresentam os primeiros movimentos da construção da casa, além de mostrarem a formação da família do narrador. A casa foi feita nas folgas de fim de semana, em um terreno comprado no Jardim Helena, bairro da Zona Leste da cidade de São Paulo: “No passar do ano fiz em oito domingos seguidos um quarto e uma cozinha, fiz moradia desse começo de casa.” (JATOBÁ, 1980, p.32). A casa autoconstruída é o espaço que simboliza o trabalho como atividade permeada de sentido, ocupando uma posição oposta ao espaço da fábrica. É um “espaço expressivo” (BOSI, 2004, p.25). A valorização da casa e de seu interior acontece como contraponto à face estranha e adversa exibida pela cidade, como se suas paredes criassem um mundo acolhedor que isola as pessoas “do mundo alienado e hostil de fora” (BOSI, 2004, p.25). Para o historiador Murilo Leal, a aquisição da casa própria tinha múltiplos significados para os migrantes que se tornaram moradores dos bairros de periferia nas décadas de 1950 e 1960:

[...] forma de obter segurança econômica, permitindo escapar do aluguel e morar a baixo custo, e forma de encaminhar um projeto de ascensão social, compondo um patrimônio e mesmo obtendo renda, alugando cômodos nos fundos das casas. Ao mesmo tempo, forma de reduzir o sentimento de insegurança existencial e conquistar referência duradoura para a construção de identidade individual e coletiva. (LEAL, 2011, p.98).

A casa e a possibilidade de morar estruturam nos planos material e simbólico a elaboração de um “projeto familiar de mobilidade social” (DURHAM, 2004, p.383) e formam uma referência necessária para enfrentar o confinamento no bairro, fenômeno enfrentado por muitas famílias que vivem na periferia. O investimento material e psíquico do narrador no imóvel autoconstruído, além de ser uma tática de enfrentamento à pobreza, faz da casa e do bairro os grandes

pontos de referência espacial para seu processo de rememoração. A interação das personagens com esses espaços e as mudanças neles vivenciadas são marcos para a compreensão do modo de vida e da subjetividade dessa família operária.

Exemplares nesse sentido são as outras lembranças que fazem parte da nota do ano de 1954: “Nas noites como uma roça, sapos cantavam longe na vargem do Tietê, Adelina, sempre dizendo, sinto saudade. Nasceu Reinaldo.” (JATOBÁ, 1980, p.32). Além de mostrarem o caráter pouco urbanizado do bairro Jardim Helena naquele momento, as lembranças inserem duas questões centrais para minha interpretação do conto. Uma delas é a não adaptação da personagem Adelina à vida na grande cidade, perceptível logo no primeiro registro de uma fala sua. A outra questão diz respeito às primeiras menções aos fenômenos de nascimento e morte, que serão constantes nas lembranças dos outros anos. Por sua recorrência, o nascimento e a morte dos filhos e parentes podem ser tomados como acontecimentos densos de “substância memorativa”, “[...] marcos em que os signos sociais se concentram apoiando a memória individual.” (BOSI, 2004, p.62-63). Esses importantes marcos da memória auxiliam o narrador em seu esforço de lembrar a própria existência em uma ordem cronológica.

As mortes⁵ mencionadas podem ser lidas como sinais do trabalho de luto realizado pelo narrador. Trabalho de luto no sentido proposto por Sigmund Freud: “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc.” (FREUD, 2011, p.47). Uma a uma, as lembranças e expectativas que relacionavam o sujeito com a pessoa perdida serão psiquicamente trabalhadas, de forma que os vínculos sejam ressignificados e a vida possa seguir. Trata-se de um trabalho difícil, cuja duração varia de pessoa para pessoa. O processo de rememoração ajuda o narrador a lidar com acontecimentos que são excessivamente dolorosos. Através da rememoração, esses acontecimentos são organizados em uma forma narrativa, ação que permite compreendê-los em uma chave que envolve causa e efeito. A disposição das mortes vivenciadas em uma narrativa cria um limite simbólico

⁵ Situações de morte e nascimento na narrativa: Em 1954, nasce Reinaldo, o primeiro filho. Em 1955, o não nascimento de João Batista quase leva Adelina ao falecimento. O pai do narrador morre afogado ao tentar retirar um bezerro do rio Bananeiras. O bezerro era de Gercílio Batista, personagem que representa o coronel com seu poder de mando e está presente em outras narrativas de Ronivalter Jatobá. Esta morte violenta e sem sentido reforça o caráter precário da vida na Bahia, e contribui para o entendimento do desejo de migrar do pai, que foi incorporado pelo filho. Em 1956, nasce o filho Getúlio Vargas, em 1957, Maria Aparecida. No começo de 1960, nasceu Roberto. A mãe do narrador morre no ano de 1964 e Adelina, em 1969. Outras mortes serão discutidas na interpretação da narrativa.

para a dor sentida e possibilita sua elaboração. Trata-se de um ato que proporciona o autoconhecimento e a saúde mental.

A maior parte das mortes lembradas pelo narrador tem relação com a pobreza⁶ vivenciada por sua família, situação que se faz perceber nas más condições de vida oferecidas pela urbanização precária do bairro de periferia onde vivem. A pobreza expõe as pessoas ao perigo de morte e também interfere no projeto familiar, como pode ser notado no acidente que Adelina sofreu no ano de 1960. Ela escorregou enquanto carregava um balde cheio de água que pegara no poço. Grávida, perde o menino e quase morre.

A pobreza também é visível no papel que as mercadorias cumprem na narrativa, funcionando como elementos organizadores da rememoração. A única lembrança do ano de 1961 é a aquisição de uma bicicleta. Em 1962, com menos de nove anos de idade, Reinaldo começa a trabalhar engraxando sapatos em um ponto da estação de trem. O narrador diz que no fim desse ano, com sacrifício, compraram uma televisão. As aquisições da bicicleta e da televisão são lembradas como momentos importantes, pois remetem à luta pela melhoria das condições de existência e à luta contra a pobreza. As mercadorias em questão estão enlaçadas a “uma experiência vivida” (BOSI, 2004, p.26) e significativa, o que faz delas exemplos daquilo que Ecléa Bosi conceitua como objetos biográficos.

A meu ver, a presença da televisão na narrativa é uma metáfora no sentido pensado por Tânia Pellegrini, ou seja, símbolo de um período de profundas transformações na vida cultural brasileira, um dado visível de nossa modernização (PELLEGRINI, 1999). Remeto aqui ao caráter anômalo e descontraído da modernidade na América Latina e no Brasil. A noção de modernidade está associada à racionalização da vida trazida pelo capitalismo, ou que deveria ser por ele trazida. Para José de Souza Martins, a modernidade “[...] é uma espécie de mistificação desmistificadora das imensas possibilidades de transformação humana e social que o capitalismo foi capaz de criar, mas não é capaz de realizar.” (MARTINS, 2000a, p.20). Ainda segundo o sociólogo:

O que se propõe à vida de todos os dias do homem contemporâneo não é essa racionalidade ilimitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O homem comum tem de descobrir e inventar caminhos para superá-las. A modernidade se instaura quando o conflito se torna cotidiano e

⁶ Walter Benjamin (1994) entende a experiência econômica da inflação como uma das mais radicalmente desmoralizadas experiências já vistas. Através das reflexões do filósofo é possível traçar uma aproximação entre a pobreza econômica do narrador e sua dificuldade em narrar.

se dissemina, sobretudo sobre a forma de conflito cultural, de disputa entre valores sociais, de permanente proposição da necessidade de optar entre isto e aquilo, entre o novo e o fugaz, de um lado, e o costumeiro e tradicional de outro. (MARTINS, 2000a, p.21-22).

A aquisição da televisão sinaliza a presença da modernidade na vida do narrador, condição social que traz a catástrofe e a desagregação familiar. A relação entre modernização da vida e catástrofe aparece na lembrança da morte do filho Getúlio, atropelado na primeira rua asfaltada do bairro no ano de 1965, vítima de um carro que desaparece sem prestar satisfação nem auxílio.

A modernidade e o capitalismo criam novas necessidades de consumo ao inserirem as pessoas em um universo de desejos que tem a mercadoria como centralidade. Na lembrança do ano de 1970, esse efeito perverso se mostra como motivo de desacordo na família. “Maria Aparecida chorava sempre no negar das coisas que nunca, ninguém aqui, podia nem ter. Pedia que ela esperasse, se botasse mais moça, até poder trabalhar. Num dia não amanheceu em casa. Sumiu em sua sina.” (JATOBÁ, 1980, p.34). A postura de Maria Aparecida vai à contramão da postura de Reinaldo, o filho mais velho. Ele, ao ir trabalhar como engraxate, aceitou o projeto familiar de mobilidade social. Como dito, a televisão é comprada justamente no ano em que o menino começa a trabalhar. A postura de Maria Aparecida indica uma negação do projeto familiar, havendo um conflito de valores sociais aqui. Discordando das palavras do pai que a convidam a ter paciência, esperando a idade na qual poderia trabalhar e ter dinheiro para consumir, ela decide ir embora. A família é rejeitada por ser percebida como local da pobreza e da estagnação. Agindo assim, a filha rompe os “laços e lealdades familiares” (VELHO, 1994a, p.47), instaurando para si outro projeto de vida.

O descontentamento com a situação experimentada pela família também é partilhado por Adelina, cuja forte sensação de estranheza em relação à própria existência se manifesta em seu sonho no ano de 1963: “Adelina acorda numa noite, soltando gritos pela escuridão, sonhando num presságio triste, como se mil homens lhe estivessem estrangulando, amedronta a casa inteira e ela pare, morto e minguado, um ente, nem homem nem mulher, de três meses.” (JATOBÁ, 1980, p.33) Em sua investigação sobre os sonhos de moradores da cidade de São Paulo, José de Souza Martins parte da suposição de que eles “[...] são documentos sobre o estado do relacionamento social entre nós e nós mesmos.” (MARTINS, 2000b, p.66). Para o sociólogo, os sonhos não seriam repetições

deformadas do que ocorre na vigília, mas sim “[...] resíduos insubmissos da racionalidade e do poder dela que, ao invadirem a vida cotidiana, reduzem a imaginação ao imaginário, a criação à submissão, a coragem ao medo.” (MARTINS, 2000b, p.66). Haveria, assim, uma relação de tensão entre o material noturno e a vida diurna, onde o primeiro põe diante dos olhos e consciência do sonhador a falta de sentido, a opressão e a arbitrariedade daquela.

Através das poucas informações dadas pelo narrador, lemos que em certa noite Adelina acorda gritando e assusta os moradores da casa. O despertar brusco de Adelina e o pavor sentido por ela levaram o narrador a pensar na imagem de mil homens que a estrangulavam, como se algo estranho e muito hostil afetasse a mulher. A situação tem proximidade com características dos sonhos de moradores da cidade de São Paulo investigados por José de Souza Martins, pois, como ele diz, muitos sonhos são marcados pela presença do estranho. “*Quase todos os sonhos têm implícito um conceito de estranho e de um estranho* que representa perigo e ameaça para o sonhador.” (MARTINS, 2000b, p.74, grifo do autor). O estranho – que se manifesta com tamanha força a ponto de fazer a mulher acordar gritando – é o outro imaginado. No caso de Adelina, penso que esse outro é constituído pelo modo de vida da grande cidade e pelas relações sociais que ele impõe à sua família.

O sonho de Adelina remete ao tema de sua não adaptação à vida na grande cidade, um problema que se aprofunda com o passar dos anos, como pode ser notado em duas falas da personagem que são lembradas pelo narrador. No ano de 1966, entristecida, Adelina andava pelas tardes de domingo, comparando: “[...] miséria aqui, miséria lá, aqui é cativoiro.” (JATOBÁ, 1980, p.33). Em 1967, ao receber a notícia da morte de sua mãe, Adelina se põe em luto, sempre dizendo “[...] que sua sina era viver nesse cativoiro.” (JATOBÁ, 1980, p.33). São momentos em que Adelina percebe a si mesma, interpreta sua vida. A comparação entre a miséria da vida anterior à viagem para São Paulo e a miséria da vida atual demonstra a insatisfação com o presente, explicitada pela palavra cativoiro. Esta conota um sentimento de falta de liberdade, de prisão, encarceramento. A palavra cativoiro também está presente na fala de 1967, sendo associada à ideia de sina, palavra que tem proximidades com a noção de destino. Sina e destino são palavras que remetem à falta de controle sobre a própria existência, como se essa sofresse a ação de forças e fatores externos (VELHO, 1994b) mais poderosos que a capacidade de entendimento da pessoa. Ao não conseguir entender que as condições sociais e históricas são os fatores que criam dificuldades, impõem

limitações e fazem de sua vida algo sem sentido, estranho e alienado, Adelina se vale da ideia de sina para caracterizar sua infelicidade.

Mesmo a imagem persecutória com que o narrador traduz a reação de Adelina ao sonho dialoga com o campo de significados da palavra cativo. Se a impressão do narrador sobre o pavor de Adelina estiver correta, o sonho pavoroso deve ser entendido como uma elaboração onírica do sentimento de estar presa, sentimento decorrente de uma vida desenraizada e estranha. Em outras palavras, é como se Adelina percebesse que as relações sociais que acontecem no espaço da rua e da cidade – sentidas pela mulher como algo perigoso, despersonalizado e sem sentido – a cercassem de todos os lados, podendo alcançá-la a qualquer instante. Como nos diz o narrador em sua lembrança do ano de 1963, o sonho de Adelina era também um “presságio triste”, expressão que pode ser lida como uma referência à violência policial sofrida pelo casal no ano de 1968: “Vieram uns soldados. Bateram na porta, abri. iam me levar. Adelina me segurou, um soldado bateu nela com o fuzil. Ela me soltou. Voltei, solto, era engano, mas por meses não olhei frente à frente nos olhos baixos de Adelina.” (JATOBÁ, 1980, p.33).

O narrador fala do ponto de vista daquele que foi vítima da ação autoritária e do poder dos soldados, e também do ponto de vista de quem presenciou a violência contra sua esposa. Após sofrer a violência do soldado, Adelina tem uma confirmação da sensação de desenraizamento que a perseguiu durante anos. O golpe faz a falta de “fidedignidade do mundo social” se mostrar como um dado irreduzível, havendo um colapso em sua já frágil sensação de “autosegurança” (HONNETH, 2009, p.216). Com a violência sofrida, Adelina perde a confiança em si mesma e em seu mundo social. Seus olhos baixos são o sintoma do mal estar e do trauma que a afetam. O golpe de fuzil sofrido por Adelina também rebaixa o valor próprio do casal. A sensação de impotência diante de sujeitos mais fortes abala a dignidade e a honra do narrador, colocando à prova os aspectos de sua identidade constituídos pelo papel de responsável pela casa e pelo papel de marido. Humilhado, por meses não conseguirá olhar nos olhos de Adelina.

Essa passagem da narrativa exemplifica o impacto da ditadura civil-militar na vida cotidiana de trabalhadores e moradores da periferia. Trata-se de um momento no qual a obra literária realiza um diálogo crítico com a história do país, dando visibilidade ao sofrimento de pessoas que vivenciaram a violência de Estado. Não por acaso a agressão aconteceu em 1968, um ano emblemático quanto ao endurecimento do regime militar, que “[...] seguia cada vez mais o

curso de uma ditadura brutal.” (FAUSTO, 1999, p.480). Infelizmente, a situação vivida pelo narrador e por Adelina se repete no Brasil contemporâneo, com matizes mais brutais⁷.

A última nota da narrativa situa o narrador em seu momento presente. Ele reafirma o vínculo com a família e demonstra ser alguém que vê possibilidades na continuidade da vida: “Rita, mulher de Reinaldo, quem imaginava aquele corpo fraco, se tornou mãe, esperança deste corpo, sonho novamente começado em fim de vida. Vem pena de Reinaldo: esperançoso ele. Dou fé.” (JATOBÁ, 1980, p.34). Vê na gravidez de Rita um prolongamento de sua própria existência, como se um sonho seu fosse recomeçado pelo casal. Tem fé na situação do filho, partilha de sua esperança. Fé, na maneira pensada por Erich Fromm. Não como uma forma fraca de crença ou conhecimento, e nem aquela fé nisto ou naquilo. A fé sentida pelo narrador é confiança, é expressão da convicção de uma possibilidade real. “A fé, como a esperança, não é a previsão do futuro, é a visão do presente num estado de gravidez.” (FROMM, 1981, p.30). A percepção da mudança experimentada em sua própria vida faz com que o narrador tenha fé na possível mudança trazida pela chegada de uma criança. Ele anseia, está aberto para um futuro melhor.

O narrador tornou-se alguém experiente, que conseguiu superar à sua maneira a pobreza, as mortes e a violência policial vivenciadas. A rememoração foi o modo encontrado para compreender sua própria formação, no sentido de *Bildung*: “[...] o processo pelo qual uma pessoa torna-se gradualmente aquilo que é, em conflito com o mundo exterior.” (PORTELLI, 2010b, p.169). Essa formação, que foi recuperada através do processo de rememoração, testemunha uma perspectiva da luta de classes que não se faz nas greves ou nos sindicatos,

⁷ Os policiais militares responsáveis pelo desaparecimento, tortura e morte do ajudante de pedreiro Amarildo de Souza atualizaram a violência de Estado que foi recorrente na ditadura civil-militar brasileira. O trabalhador foi levado por policiais para a sede da Unidade de Polícia Pacificadora situada na favela da Rocinha, cidade do Rio de Janeiro, em 14 de julho de 2013. Lá, foi brutalmente interrogado e torturado por policiais militares. Faleceu durante a tortura. O caso Amarildo ganhou repercussão nacional e internacional, tornando-se símbolo dos inúmeros casos da violência policial e de Estado sofridas por populações pobres nos últimos anos. Trata-se de um mecanismo de repetição da violência acontecida durante a ditadura civil-militar, e remete à temática clássica que afirma que as sociedades estão destinadas a “[...] repetir o que são incapazes de elaborar.” (TELES; SAFATLE, 2010, p.9). Pensando a partir de uma perspectiva que aproxima psicanálise e história, podemos dizer que aquilo que é expulso do simbólico retorna no real. A violência policial contemporânea está fortemente relacionada à necessidade de julgamento das ações violentas cometidas pelas forças armadas no período da ditadura civil-militar. A recusa do Estado em investigar e punir aquelas ações violentas contribui para sua repetição no presente. Ao inserir a violência de Estado realizada pelas forças armadas em sua narrativa, Roniwalter Jatobá colabora com a elaboração de nosso passado violento, dando visibilidade e voz para as vítimas.

“[...] mas na luta diária contra a morte.” (PORTELLI, 2010a, p.104). Nessa situação, sobreviver é, em si, resistir.

WORKING FAMILY, MEMORY AND SUBJECTIVITY IN A NARRATIVE OF RONIWALTER JATOBÁ

ABSTRACT: *This article investigates the narrative “The red cloth”, published in 1978 by Roniwalter Jatoba. The research emphasis is on the narrator’s process of remembering. He review 25 years of his life, a period of time that begins in 1952 and ends in 1976. Through the process of remembering, which is presented in the form of notes for each of the years, the reader comes in contact with the experience of the narrator, a migrant who became worker in the city of São Paulo. The social relations of the narrator’s family, that it is the great reference group in the process of remembering, and the values, desires and subjectivity of some of its members were analyzed. I argue that this narrative can be understood as a literature of testimony. I used concepts from the social sciences, psychology, history and literary theory to interpret the diversity of themes that the narrative raises.*

KEYWORDS: *Roniwalter Jatobá. Working family. Memory. Subjectivity. Testimony.*

REFERÊNCIAS

BERGER, P. Excurso: alternância e biografia (Ou: como adquirir um passado pré-fabricado). In: _____. **Perspectivas sociológicas:** uma visão humanística. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1978. p.65-77.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política.** 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

_____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.103-150.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 2.ed. Cotia: Ateliê, 2004.

BRECHT, B. Tesis para la literatura operaria. In: _____. **El compromiso en literatura y arte.** 2.ed. Barcelona: Península, 1984. p.276-277

- DURHAM, E. A sociedade vista da periferia. In: _____. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.377-407.
- FAUSTO, B. **A história do Brasil**. 7.ed. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FONTES, P. Migração nordestina e experiências operárias: São Miguel Paulista nos anos 1950. In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Org.). **Culturas de classe**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. p.363-402.
- FREUD, S. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- FROMM, E. **A revolução da esperança**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- HONNETH, A. **A luta por reconhecimento**. 2.ed. São Paulo: 34, 2009.
- JATOBÁ, R. O pano vermelho. In: _____. **Crônicas da vida operária**. 3.ed. São Paulo: Global, 1980. p.31-34.
- LEAL, M. **A reinvenção da classe trabalhadora (1953-1964)**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2011.
- MARTINS, J. S. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. In: _____. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000a. p.17-54.
- _____. A peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico. In: _____. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000b. p.65-92.
- MEDINA, E. D. A presença da fábrica Nitro Química na literatura de Roniwalter Jatobá: memória, história e testemunho. **História & luta de classes**, Marechal Cândido Rondon, v.15, p.42-47, 2013.
- PELLEGRINI, T. **A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- PORTELLI, A. Éramos pobres, mas... narrar a pobreza na cultura apalachiana. In: _____. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e voz, 2010a. p.91-109.
- _____. O melhor limpa-latas da cidade: a vida e os tempos de Valtèro Peppoloni, trabalhador. In: _____. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e voz, 2010b. p.159-183.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: _____. **História, memória, literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p.45-58.

TELES, E.; SAFATLE, V. Apresentação. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (Org.). **O que resta da ditadura.** São Paulo: Boitempo, 2010. p.9-12.

TOBÓN, N. La realidad y la ficción del testimonio. In: FRANCO, N.; NIETO, P.; RINCÓN, O. (Org.). **Tácticas y estrategias para contar.** Bogotá: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, 2010. p.43-65.

VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: _____. **Projeto e metamorfose.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994a. p.31-48.

_____. Destino e violência. In: _____. **Projeto e metamorfose.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994b. p.114-131.

